

O valor do ensino básico

EDUCAÇÃO

Nada como um par de números para pôr fim a polêmicas longas e estereis e reorientar o rumo das discussões. O censo escolar divulgado pelo Ministério da Educação mostra que o ensino de segundo grau foi o que teve maior aumento de alunos nos anos de 1995 e 1996. A frequência no ensino fundamental também está crescendo, só que em ritmo mais lento. Mais alunos estão chegando ao ensino médio, e mais rapidamente, por causa da queda no índice de repetência do primeiro grau, e por causa da melhoria geral do ensino fundamental, que estimula e prepara o aluno para seguir adiante. Noutras palavras, o ensino médio acolhe mais estudantes porque o ensino fundamental se torna mais eficaz.

Diante disso, a disputa sobre se é melhor priorizar um nível de ensino ou o outro se revela inócua. A experiência mostra mais uma vez que eles não concorrem entre si, mas se complementam. O ensino médio ganha em abrangência social e importância graças ao investimento no ensino fundamental, e não apesar dele. Não há por que não estender esse raciocínio ao ensino superior — com a ressalva de que é preciso conter a tendência para sucatear centros de pesquisa de ponta, o que também será um desperdício de recursos e uma perda para o País. Não adianta concentrar esforços, como se fez durante décadas, em aumentar o número de graduados nas universidades, se o ensino fundamental continua precário e prepara mal ou desencoraja os estudantes a chegar ao terceiro grau.

Como os recursos são limitados e é preciso estabelecer prioridades, é inevitável que a discussão convide a uma disputa entre os diversos níveis. O atual governo fez opção preferencial pelo ensino funda-

mental. Essa opção não tem necessariamente de prejudicar os ensinos médio e superior. Ao contrário, um ensino fundamental mais bem estruturado garante a chegada de mais alunos e mais bem preparados aos ciclos seguintes.

Censo mostra que investimento no ensino fundamental pode beneficiar os níveis superiores

Há ainda um segundo aspecto que reforça essa tendência. A mudança rápida no sistema de produção, com o surgimento de novas tecnolo-

gias, a globalização e o esforço por maior competitividade demandam mão-de-obra capaz de se reciclar e incorporar novas habilidades. Assim, a especialização neste ou naquele ofício, embora importante como ponto de partida, tem menos relevância do que a capacidade de pensar e aprender, que se adquire nos níveis básico e médio de ensino.

A mesma visão estante que isolou as universidades como centros de excelência sem que houvesse muitos alunos excelentes para ingressar nelas foi responsável pela criação dos programas de alfabetização. Tanto num quanto noutro caso, buscavam-se índices, de diplomados ou de alfabetizados, que se alcançariam em ritmo de campanha, e não numa ação contínua e de longo prazo. O resultado foi uma dispersão de energia, que não evitou que o Brasil mantivesse um índice de analfabetos altíssimo, hoje na casa dos 15% — mais do triplo de países como Argentina, Chile e Uruguai, que tradicionalmente priorizam o ensino fundamental. Daí a conclusão de que a forma mais consistente de combater o analfabetismo é garantir o acesso ao ensino básico, na idade adequada.

Como se vê, o ensino fundamental não concorre nem com os níveis superiores nem com o esforço de combate ao analfabetismo. É o ponto de partida de ambos e a chave do desenvolvimento sustentado.